



CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS SIMBÓLICOS DO LIVRO “O CASACO DE MARX” CONSIDERATIONS ON SYMBOLIC ASPECTS OF THE BOOK “THE JACKET OF MARX”

Bárbara Luiza Carneiro¹, Marcelo Capre Dias², Rosimeire Naomi Nagamatsu³,
Patrícia Helena Campestrini Harger,⁴ Marcio Roberto Ghizzo⁵

RESUMO

O presente trabalho é resultado parcial do projeto de pesquisa “Estudo do consumo de vestuário em tempos de pandemia e o consumidor na retomada das compras”. O projeto tem como objetivo principal entender como se deu o consumo de vestuário no comércio varejista e as mudanças que ocorreram no mercado da moda após o período pós-pandemia. Já este artigo apresenta resultado dos estudos parciais do projeto por meio de considerações sobre os aspectos simbólicos do livro de Peter Stallybrass (2008), intitulado “O Casaco de Marx: roupas, memórias, dor”. Este livro trata a materialidade e imaterialidade das coisas, das roupas, do vestir. Abordando sobre o consumo e as vestimentas de maneira mais pessoal, estudando vivências, Stallybrass relata experiências próprias e da vida de Marx, permitindo que o leitor faça uma análise abrangente quando se trata do significado que o consumo e as roupas têm na sociedade e na vida. Este tipo de exploração literária é de grande relevância para este projeto de pesquisa, que estuda um período que foi de grande crise para toda a população mundial, alterando assim, a concepção de realidade da sociedade, os estilos de vida e conseqüentemente a forma de vestir e consumir.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade de consumo, roupas, signos, O Casaco de Marx

ABSTRACT

This work is a partial result of the research project “Study of clothing consumption in times of pandemic and the consumer when shopping resumes”. The project’s main objective is to understand how clothing consumption occurred in retail and the changes that occurred in the fashion market after the post-pandemic period. This article presents the results of partial studies of the project through considerations on the symbolic aspects of the book by Peter Stallybrass (2008), entitled “Marx’s Coat: clothes, memories, pain”. This book deals with the materiality and immateriality of things, clothes, dressing. Addressing consumption and clothing in a more personal way, studying experiences, Stallybrass reports his own experiences and those of Marx’s life, allowing the reader to make a comprehensive analysis when it comes to the meaning that consumption and clothing have in society and life. This type of literary exploration is of great relevance to this research project, which studies a period of great crisis for the entire world population, thus changing society’s conception of reality, lifestyles and consequently the way of dressing and consume.

KEYWORDS: Consumer society, clothes, signs, Marx’s Coat

¹ Estudante bolsista da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Apucarana, barbaracarneiro@alunos.utfpr.edu.br ID Lattes: 3501973946686964

² Professor orientador, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Apucarana, capre@utfpr.edu.br

³ Professor orientador, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Apucarana, naomi@utfpr.edu.br

⁴ Professor orientador, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Apucarana, harger@utfpr.edu.br

⁵ Professor orientador, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Apucarana, marcioghizzo@utfpr.edu.br



1- INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado parcial do projeto de pesquisa contemplado com bolsa e intitulado “Estudo do consumo de vestuário em tempos de pandemia e o consumidor na retomada das compras”. O objetivo da pesquisa é entender como se deu o consumo de vestuário no comércio varejista e as mudanças que ocorreu no mercado da moda após o período pós-pandemia.

Tendo em vista a amplitude do mercado da moda e que esse setor é um dos mais importantes da economia nacional, colaborando de forma significativa com o PIB do país e na geração de empregos, o presente texto desenvolvido, apresentará resultado fazendo referência à parte dos estudos bibliográficos que darão suporte para compreensão de temas que perpassam pela Moda, pelo consumo de moda e comportamento do consumidor. Afinal, investigar transformações que o segmento da moda passou ao longo da pandemia Covid-19 e como ele está se desenvolvendo neste período pós-pandêmico; e conhecer o comportamento do atual consumidor de Moda e empresários do segmento por meio de pesquisa, no intuito de compreender este período de mudanças na dinâmica do consumo, será objeto do projeto maior.

Considerando que para o cumprimento deste propósito as atividades serão desenvolvidas, primeiramente, por meio da revisão de estudos bibliográficos sobre o tema principal e periféricos ao objetivo do estudo, tendo como principais referências bibliográficas estudos relacionados a sociedade de consumo, o consumo na moda e o comportamento do consumidor é que este artigo foi desenvolvido.

Em suma, é importante frisar que a finalidade deste projeto é inserir os estudantes de graduação no ambiente da pesquisa científica e, no caso em específico, na reflexão que abrange a moda e o consumo. É relevante, também, considerar que o incremento de pesquisas em Moda no país é recente e que, embora atualmente, tenha mais eventos e pesquisas relacionadas a área de Design de Moda, esta é desvalorizada no Brasil e no meio acadêmico em geral (GODART,2010). Por isso, a necessidade do incentivo de novas pesquisas na área a fim de consolidar essa área do conhecimento como ciência.

Neste sentido, este trabalho possui importância salutar e terá como foco principal a primeira parte deste projeto de pesquisa, ou seja, embora parcialmente, estudos relacionados a sociedade de consumo e o consumo na moda. Com esse propósito, será utilizado o livro do autor Peter Stallybrass (2008), intitulado “O Casaco de Marx: roupas, memórias, dor”. Essa obra é uma análise de cunho poético, e apresenta um aspecto profundo, ligado ao laço afetivo, de memória e simbólico dos indivíduos para com as peças de roupas. Cada capítulo retrata casos de maneira pessoal, de forma que o leitor se identifica e simpatiza com os sentimentos dispostos dos personagens. O caráter desta obra é tratar da materialidade e imaterialidades das coisas, das roupas, do vestir, como uma peça de roupa pode representar vários papéis na sociedade e, como ela pode estar envolta em significados e representações.

A escolha da análise deste livro dá-se por ser uma obra que trata sobre o consumo e as vestimentas de maneira mais pessoal, ou seja, não é uma leitura técnica e específica sobre moda ou consumo de moda, e, sim estudos de vivências. No primeiro capítulo, Stallybrass relata sua experiência de vida e, no segundo capítulo, do próprio Marx, permitindo que o leitor faça uma análise abrangente quando se trata do significado que o consumo e as roupas têm na sociedade e na vida. Embora esta seja uma obra de leitura fluida, ela é de difícil pesquisa, justamente por ter essa escrita poética que permite o leitor



entender o papel social e emocional que as vestimentas possuem. Portanto, este tipo de exploração literária é de grande relevância para este projeto de pesquisa, que tem como foco principal a indústria da moda para festa no pós-pandemia Covid-19, período que foi de grande crise para toda a população mundial, não apenas uma crise sanitária, mas uma aflição enternecedora em que a humanidade lidava com o luto constante de entes queridos, óbitos em massa e a preocupação de contrair uma doença fatal. Momentos de crise como esse, muda a concepção de realidade da sociedade, alterando os estilos de vida e conseqüentemente a forma de vestir e consumir, fazendo com que as roupas desempenhem um outro papel, assim como é relatado no livro de Stallybrass.

2- CONSIDERAÇÕES SOBRE ASPECTOS SIMBÓLICOS DO LIVRO “O CASACO DE MARX”

O livro “O casaco de Marx – roupas, memória, dor” de Peter Stallybrass é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “A vida social das coisas: roupas, memória, dor”, aborda o quanto uma roupa carrega a história e também quem a usa, como pode estar cheia de memórias e símbolos e como esses podem ser ressignificados. Neste ensaio o principal tema é o luto e o papel que as roupas têm sobre ele. O autor inicia relatando o que o motivou iniciar os estudos sobre roupas e retrata o falecimento de seu amigo Allon White, em 1986, e como essa perda representava um vazio, uma ausência.

Stallybrass herdou uma jaqueta de beisebol, entregada a ele por Jen, esposa de Allon White. Com o recebimento deste objeto, aflora nele o início desta história, sua perspectiva é alterada, a partir do momento em que vestia a peça, sentia que seu amigo também o vestia. Assim, começou a pensar em roupas e a vê-las de forma diferente, pois, de acordo com o autor, “ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma (STALLYBRASS, 2008, p. 10)”.

Na obra, o autor demonstra o quanto o valor simbólico está compenetrado nas marcas do uso e do tempo, e como as roupas representam vários signos e que este valor simbólico condiz com as vivências e experiências presentes no objeto. Esses vários signos presentes nas roupas estão imbuídos em diversas culturas e, como as mesmas, estarão sempre representando um papel, seja, a representação de grupos, ideais éticos e políticos, a diversidade cultural, a diferença de classe social econômica, entre outras coisas.

Para o autor, as roupas podem ser permeadas e transformadas todo o tempo, por quem a fábrica e por quem a veste, com a capacidade de durar por muito tempo, representando a história de quem a possuiu, “A roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória. Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente (STALLYBRASS, 2008, p. 13)”.

Toda essa capacidade de absorção está diretamente ligada aos significados que cada indivíduo atribui a uma peça de roupa, porque diferente da crítica do materialismo moderno, assim como menciona o autor, é o que está ausente que tem representação na roupa, pois são os indivíduos que dão significados as coisas, são eles que dão sentimentos e tornam os objetos simbólicos.



O ponto central do simbolismo, para a interpretação da realidade social e a natureza dos sistemas simbólicos, é o compartilhar pelos membros de cultura comum, é o próprio processo de socialização. Os bens materiais produzidos pela cultura têm propriedades simbólicas mediante os significados que são compartilhados dentro da cultura (MIRANDA, 2008, p. 31)

Ainda, de acordo com autor, tais significados e absorção por vezes numa economia capitalista se torna fantasma. Essa economia de consumo desenfreado, em que os indivíduos estão sempre buscando por atualizações e renovações do guarda-roupa, em que a moda é rápida, os têxteis acabam perdendo sua validade, tanto em termos de qualidades materiais, quanto em questões de significados, pois, a busca pelo desejo, está diretamente relacionado a questão de pertencimento que se adquire socialmente.

As roupas têm diversos signos e, podem adquirir maior importância acompanhadas por momentos de crise, como o falecimento de alguém ou, como na pandemia e pós-pandemia da Covid-19, que mudou a concepção de realidade da sociedade, alterando os estilos de vida e conseqüentemente a forma de vestir e consumir. Essa concepção sensível é uma reflexão sobre a materialidade e imaterialidade das coisas, das roupas e do ato de vestir. Afinal, em uma sociedade de consumo desenfreado as roupas ainda possuem importância simbólica e permanecem inscritas através das relações sociais, acompanhando a história da humanidade.

O segundo capítulo, é mais descritivo e motiva o leitor fazer uma análise sobre o papel que as vestimentas possuem. O ensaio “O casaco de Marx”, que inclusive dá título ao livro, relata as dificuldades financeiras que Karl Marx passou durante o período em que escrevia “O Capital (1867)”. Nesta obra, o intelectual alemão, explica conceitos do capitalismo e usa, como exemplo, seu próprio casaco, que penhorou por diversas vezes, neste período.

Segundo Stalybrass (2008), na segunda metade do século XIX, período em que Marx escreveu a obra, o próprio vivia de forma bem precária em Londres. Ainda, que ele recebesse doações de Engels, ele e sua família necessitou recorrer por diversas vezes as lojas de penhores, para garantir através dessa renda, moradia, alimentação e materiais para que pudesse seguir desenvolvendo seu livro. Neste mesmo período, entre décadas de 1850 e 1860, Marx sofreu o dilema da preocupação com a aparência, já que necessitou ir por diversas vezes penhorar o seu casaco. Essa preocupação está diretamente ligada a capacidade e habilidade de produzir significados. De acordo com Miranda (2008), os objetos funcionam como sistema de informação, estabelecendo relações, reproduzindo mensagens e definindo hierarquias. O ato de não possuir o casaco, gerava aflição, justamente por essa questão de pertencimento, pois, sem esse compartilhamento de signos, o intelectual não se sentia à vontade para frequentar a biblioteca do Museu Britânico, onde fazia as pesquisas para a realização de sua obra.

Ainda, conforme Stalybrass (2008), Marx era defensor do socialismo e instigador das massas operárias do mundo, determinando o capitalismo como o processo de universalização da produção de mercadorias e a forma celular da economia. Essa forma celular assume a forma do casaco, assumindo primeiramente o papel de troca na mercadoria. Em sua obra, o filósofo tenta mostrar o caráter contraditório do próprio capitalismo, sendo para ele a sociedade mais abstrata que já existiu, uma sociedade que consome, cada vez mais, corpos humanos concretos.



Para mais, outro tema que Stralybrass trata, é sobre a palavra fetiche, que para Pietz (1985), foi um conceito desenvolvido para demonizar o poder dos objetos, das coisas. Este conceito surgiu a medida em que os europeus subjagam e escravizam outros povos, já que os mesmos faziam uso de artefatos de cunho religiosos.

Stralybrass (2008), trata o termo fetichizar mostrando a vertente proposta na obra “O Capital” (1867), onde Karl Marx versou sobre fetichizar a mercadoria, que significava fetichizar um valor de troca abstrato. Por isso, o casaco apareceu e desapareceu imediatamente, devida essa natureza do capitalismo, em que esta vestimenta tem a sua particularidade material e seu valor suprassensível. Para o filósofo fetichizar a mercadoria significava reverter toda a história do fetichismo, já que isso designa fetichizar o invisível, o imaterial e o suprassensível. Ao atribuir a noção de fetiche à mercadoria, Marx a via como uma regressão relativamente ao materialismo que fetichizava o objeto, e esse, era o problema, pois tomava o objeto esvaziado para um local de troca, fazendo com que perdesse seu valor afetivo do amor e do trabalho humano.

No último capítulo, dedicado a memória de seu pai, Stallybrass (2008), evoca os personagens Édipo e Rei Lear, e também, textos do Primo Levi para analisar conscientemente o ato humano de caminhar e se deslocar por si mesmo. Ao retratar o Enigma da Esfinge, o autor destaca o profundo mistério do caminhar e como esse ato não é uma constante na vida dos seres humanos. Ao longo do texto ele descreve as três fases do caminhar⁶ e relata a estranheza do enigma da Esfinge, primeiro, porque a Esfinge “É a descrição de um ser que está, ao mesmo tempo, mais e menos preso ao chão do que os humanos: mais, porque anda sobre quatro pés; menos, porque as asas indicam que pode voar (STALLYBRASS, 2008, p. 88). Segundo, porque o enigma foi proposto a Édipo, uma pessoa que possuía dificuldades de caminhar sobre seus pés.

Ao analisar o conto do Rei Lear, o autor, busca fazer uma relação com o mito de Édipo, “o enigma do pé deve sua eficácia ao fato de que o pé é algo que normalmente não merece atenção (STALLYBRASS, 2008, p. 92). Nesta análise ele enfatiza que o corpo do monarca é geralmente carregado por outros e que no teatro da Renascença, o Rei Lear estava sempre calçado com suas botas, apoiando seus pés no trono ou montado em um cavalo. Ele ressalta também, que na sociedade aristocrática da Renascença, a ação de descalçar as botas exigia o auxílio de outra pessoa, mostrando a contradição sobre o fato de que usar este objeto, prepara o indivíduo para condições adversas e ao mesmo tempo os tornam dependentes de outras pessoas. Esse ato evoca as importâncias das vestimentas na trajetória diária do corpo e, faz parte do sistema amplo de indumentárias, em que vestir e desvestir é uma obrigação social, sendo ela, uma relação pessoa-objeto, uma relação simbólica e reveladora das práticas sociais e culturais desde os primórdios da história (MIRANDA, 2008).

Em seguida, após analisar a peça Rei Lear, Stallybrass (2008), apresenta as obras do Primo Levi, “É isto um homem?” e “A trégua”, e aponta sobre, ainda, o mistério do caminhar e a importância de ter sapatos certos para a sobrevivência do ser humano, tratando-o como um pré-requisito para a vida.

Em conclusão, o autor, expõe o que inspirou a escrita do último texto, relatando um momento em que subia um monte na Escócia com seu irmão e seu pai, que já tinha 80

⁶ Se tudo der certo, aprende a se levantar e a andar sobre os dois pés, capacidade que mantém durante boa parte de sua vida adulta. E quando atinge a velhice, à medida que seu equilíbrio torna-se precário, utiliza uma bengala como se fosse um terceiro pé (STALLYBRASS, 2008, p. 87).



anos. Após subirem 1800 metros, faltando pouco para chegar ao topo, seu pai desistiu do percurso devido ao cansaço, depois desta experiência ele passou a escrever suas memórias, pouco tempo antes de falecer.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro “O casaco de Marx – roupas, memória, dor” é de cunho muito reflexivo e trata a questão da materialidade e imaterialidade das coisas de forma poética. Peter Stallybrass (2008), consegue evocar no leitor uma nova percepção em relação as vestimentas, discorrendo sobre o poder das memórias, dos signos e, das práticas sociais e culturais que há envolta do sistema da indumentária.

O autor mostra de maneira sutil a necessidade de dar valor as coisas, pois ela está diretamente ligada a existência humana e, por consequência, a sua capacidade de criar. É válido frisar também, que os produtos são providos de significado na sociedade e que o estudo do simbólico consiste em entender como os indivíduos constituem o seu próprio conceito e adquirem ou rejeitam objetos de acordo com a identificação idealizada, estimulada pelas mensagens simbólicas deles (MIRANDA, 2008).

Para mais, é importante entender, que o ser humano passa pelo processo da individualidade e autoconhecimento e, também, pela necessidade de integração social. Os atributos simbólicos são dependentes do contexto social e o valor cultural é atribuído a necessidade individual. O consumo é modo ativo de relação com o mundo, e, os objetos são instrumento, para que essa relação seja possível.

Agradecimentos

À Universidade Tecnológica Federal do Paraná, pelo financiamento da bolsa de estudos.

Conflito de interesse

Não há conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de Moda: a relação pessoa-objeto**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

PIETZ, William. “The Problem of the Fetish, I.” RES: Anthropology and Aesthetics, no. 9, 1985, pp. 5–17. JSTOR. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20166719>. Acessado em: 18 de setembro de 2023.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 3ª edição, 2008.